

GALERIA THEATRAL.

JORNAL CRITICO-LITTERARIO.

Publica-se aos Domingos, e Quartas feiras. = As assignaturas fazem-se unicamente na typographia da travessa das Mercês n.º 11. | Assigna-se por anno : 1:000 rs. = Por semestre : 600 = Por trimestre : 300 = Avulso 20 rs.

ORIGEM DO THEATRO NA EUROPA.

O drama pagão desde o 2.º até ao 7.º seculo.

Estamos no delirio do paganismo. Acaba de nascer a idéa, que hade revolucionar não só a arte dramatica, mas muitas outras cousas. Sobre a Roma dos Imperadores forma-se uma outra Roma, a Roma christã. Aparece o christianismo, e com elle se introduzem as representações liturgicas nas catacombas, nas *agapes*, e na celebração dos natalicios, Tal é a origem do theatro hiératico christão, que mais tarde veio reinar com soberania sobre a arte do mesmo modo, que a religião donde provinha veio igualmente imperar sobre a sociedade.

No 2.º e no 3.º seculos, o genio dramatico pagão assustado pelo desenvolvimento que o genero hiératico christão ia manifestando, intentou excedel-o, ou pelo menos conservar o seu antigo poderio. Vemo-lo appellar para as realidades, cercarse de pompas, revestir-se de magnificas decorações. Ainda apresenta as velhas peças de *Terencio*, mas são já retocadas, e apparece um phenomeno bem singular. O genio pagão, que se devia armar com as suas crenças para combater as novas crenças, pelo contrario apresenta em scena os seus deoses á irrisão e desprezo do publico. Eis o titulo d'algumas peças daquella epocha: *O testamento do defuncto Jupiter — Dianna açoitada — Os tres Hervules esfomeados etc.*, e ao mesmo tempo a comedia tornava a tomar o character da personalidade, e a parodia era vista com furor. Nada chega neste genero ao singular banquete offercido por Lucio Vero, pae de Marco Aurelio aos senadores. Este principe mandou bus car dois coreundas, disformes e hediondos, fez cubril-os de mostarda, e depois de os ter mandado deitar n'um prato de prata, ordenou que se servisse este prato aos convidados. A tendencia que então havia para o grotesco era tão grande; que não se conhecia o máo gosto destes divertimentos. Todavia o drama pagão não se limitou só a reproduzir as peças antigas, compoz outras novas. Nesta epocha appare-

ceu o drama — *Ezequiel o tragico*, cujo objecto era a vida de Moysés. Esta peça devia necessariamente influir no drama christão, e talvez que a este genero de litteratura se deva outro drama escripto no mesmo gosto, e que se attribue a S. João Chrisostomo, e que tem por titulo — *A paixão de Christo*. A isto chamou-se *litteratura erudita*.

No 4.º seculo o theatro pagão em vez de estar de todo abolido pelo christianismo, pelo contrario gozou d'um momento de recrudescencia Os mimicos, os pelotiqueiros provam esta verdade. Os jogos do circo attrahiam grande concorrência; a tragedia offerece tambem alguns vestigios, e a comedia deixou-nos dois exemplares, um de *Ausonio*, intitulado, o *Luduz septem sapientium — brinco dos sete sabios*, e outro de auctor desconhecido intitulada *Querolus*, que é uma comedia tão comprida como uma peça de Terencio, e onde se veem com espanto introduzidas muitas idéas christãs.

Duvidou-se por muito tempo que a peça de *Ausonio* fosse destinada para a scena; mas Magnin não dá razão a esta duvida; O prologo indica o contrario. Nesta peça cada um dos sete sabios vem por sua ordem recitar um monologo, e isto continua até apparecerem todos sete; se houvesse um oitavo é natural, que a peça ainda se estendesse mais.

O *Querolus sapientium*, *Querolus dos sabios*, titulo que se poderia traduzir pelo de Misanthropo, não é como o *ludu* nma peça de meio character: é uma peça de enredo, e uma comedia de character. O heroe é um homem melancolico que a todos os instantes maldiz a sua sorte, apesar della o proteger a cada momento. Este assumpto é, como se pode julgar, muito picante. Os personagens são: o Deos Lare; Querolu filho de Euclion; a Mandrogeru parasita e magico; Sardanapalo sicophanta; Pantomalus escravo; Arbiter etc. etc. A falla de Pantomalus póde inteiramente compasar-se ao monologo de Figaro. E' relativa á liberdade dos escravos durante a noute, e caracteriza a sociedade do IV seculo, como o monologo do barbeiro caracterisou a do seculo XVIII « Não somos tão desgraçados (diz a Pantomalus) como se julga. Se dormimos de dia, « estamos vigilantes de noute. Parece-me que neste

« mundo não ha nada melhor. De noute vamos ao «banho com as jovens escravas. Não será isto vida «de homem livre? Tudo neste momento está tão «illuminado e resplandecente. Qual é o senhor que «tem tantos prazeres?»

Quasi no fim do V seculo, no momento em que se effectuava um compromisso litterario entre a idéa pagã e a idéa christã, appareceu um terceiro elemento, que desunio d'um só golpe as duas idéas, e se reuniu á mais nova para destruir a mais velha. Este terrivel personagem que vamos ver entrar em scena, este actor cujo papel devia ser sanguinolento e dramatico, chamava-se simplesmente — os Barbaros.

Os mais selvagens conquistadores da Italia, em vez de destruirem os jogos e o theatro romano na parte material restauram-os e melhoraram-os. A gloria architectonica do povo-rei tocou-os, e Theodorico se mostra zeloso pela conservação dos monumentos. Só depois d'um certo periodo; quando a conquista se tornou em estabelecimento permanente, é que desapareceu o theatro pagão, mas até então esteve mui florescente, e ainda muito tempo depois se lhe conheciam os vestigios, porque um grande movimento não se termina d'um só golpe, ha sempre um estrondo posterior á queda.

No VI e no VII seculo encontramos monumentos dramaticos bem dignos de mencionar-se. O primeiro é uma peça intitulada: o *Juizo de Vulcano*, que se tem classificado com muita impropriedade entre os eglogas. Compõe-se de tres personagens: *Vulcano*, um cosinheiro, e um padeiro. As fallas destes tres actores são mui picantes, mas extremamente mythologicas. E' provavel, que uma tal composição fosse destinada para alguma ceia, ou para algum sarau.

O segundo momento que se nos offerece é o *Ocipo*. Os actores desta peça são—a *gota*, um *medico*, a *dor*, um *coro de gotosos*, e um *correiro* etc. E' muito custoso acreditar, que, uma tal peça podesse ser representada, se attendermos á natureza dos seus personagens, todavia Aristophanos tinha já posto em scena um coro de passarinhos; e não vemos a razão porque depois deste facto, senão possa tambem levar á scena os personagens allegoricos do *Ocipo*.

Finalmente esta mesma epocha nos fornece ainda um monumento longo tempo perdido, e que só no seculo XIX é que foi descoberto. E' um fragmento de *Clytemnestre*, que suscitou a mais viva controversia entre os sabios logo depois da sua exumação. Esta peça escripta em grego, é todavia muito provavel que fosse escripta no occidente por algum emigrado grego. O fragmento que possuímos comprehende perto de trescentos e quarenta versos, a maior parte dos quaes tem um grande valor historico. Conclue-se da sua leitura, que nos fins do VI seculo havia duas especies drama, em face uma da outra; a comedia nova, e a restauração do theatro antigo; porque a *Clytemnestre* é uma imitação do *Agamemnon* de Seneca.

Magnin findou nesta epocha a primeiro parte do seu curso. O seculo VIII offerece com effeito um

ponto de partida muito natural, e um periodo artistico differente do que temos observado até aqui. O theatro antigo era nacional e popular: o da idade media que começa no seculo VIII foi sómente aristocratico e hieratico. Daqui em diante já se não falla mais de povo, nem se observa o menor vislumbre de nacionalidade. Este periodo humanitario entre nós reduz-se a duas palavras — *igreja e castello*.

N'outro artigo analysaremos o genio dramatico em relação á influencia que exerceu na epocha da unidade catholica, e do poder sacerdotal.

GALERIA.

THEATRO DE D. MARIA II.

A FILHA DE FIGARO.

Com este titulo está agora em scena n'este theatro uma linda comedia em cinco actos, que muitos de nossos leitores já de certo tem visto; para os que ainda não a viram, faremos o seguinte resumo.

A acção é passada em França no tempo do Consulado. O marquez de Miramonte, illustre fidalgo da Corsega, tinha vindo para França, e tomado parte na revolução; tendo comtudo o cuidado de mudar de nome, e julgamos que tambem de opinião, seguindo sempre a do governo existente. Depois de ter espoliado seu irmão da fortuna que lhe pertencia, veio para França, e na Provença, fez um casamento clandestino, com uma pobre rapariga, que tres dias depois abandonou. A desgraçada, proxima a suicidar-se, achou quem a salvasse: foi uma senhora muito distincta d'aquella provincia, que depois lhes deu os meios para que pudessem estabelecer-se em Pariz.

Aspasia, assim se chamava a noiva abandonada, era, no tempo em que começa a acção, uma modista celebre em Pariz. A sua protectora, posto a conhecesse um pouco levianna, não duvidava comtudo da bondade d'aquelle coração, e proxima a expirar recommendou-lhe que velasse sempre por sua filha, que pelo testamento de seu pae, era entregue á tutela de um homem despotico e avaro. Este homem era o marquez de Miramonte, que a este tempo tinha tomado o nome de Saint Raux.

Aspasia recebe uma carta de Celina, em que esta lhe dizia que o seu tutor a quer obrigar a casar com elle, e obstar ao casamento que ella pretende fazer com Edmundo, irmão do tutor, mas mais novo do que elle dezoito annos, e que era um gentil mancebo, tenente, a esse tempo, da guarda consular.

Aspasia, jura aos seus deuses, que hade desfazer todos os obstaculos, e que n'aquella mesma noute Celina hade casar com Edmundo.

A intriga era grande; muito o que ella tinha que fazer. De toda a parte lhe nascem os obstaculos, uma vez, é o decreto dos consules, que prohibe que qualquer official da guarda possa casar

sem ter a patente de capitão. Outra é a influencia do senhor de Saint Raux, provedor geral do exercito, que todos temiam, e cujas iras ninguem queria afrontar. Emfim Aspasia tudo vence; corre de casa do coronel á do sub-director do ministerio da guerra, vae ás Tulherias implorar a protecção de Josefina Bonaparte, e ultimamente apresenta-se em casa do senhor de Saint Raux que dava um baile de mascaras, e que tencionava nessa noute assignar o contracto de casamento com a sua pupilla. Aspasia vem alli tambem mascarada, fez annunciar-se com o titulo de marquez de Miramonte, e em conversação particular que tem com o tutor de Celina, apresenta-se-lhe como sua legitima mulher, e obriga-o a ser elle proprio quem dá a mão de Celina, ao amante desta, que era o irmão a quem tinha espoliado os bens, e sempre perseguido.

Já se vê, pois, que Aspasia era a alma de toda a intriga; e com effeito á força de preveerança, e dos meios que lhe offerecia a sua profissão, que a punha em contacto com as principaes senhoras de Pariz, consegue inutilisar tudo quanto fizera o senhor de Saint Raux, contra seu irmão, e a sua pupilla.

Este papel foi confiado á senhora Soller, e não é possivel ser melhor desempenhado.

Sempre tivemos a senhora Soller como actriz de grande merecimento, de summa intelligencia, e de muita naturalidade; tinhamol-a visto no drama intimo, saber commover o espectador, a ponto de lhe fazer correr as lagrimas; julgavamos que semelhantes papeis eram, talvez, os da sua especialidade, porém hoje, depois que a vimos na *Filha de Figaro*, confessamos com toda a ingenuidade, que não sabemos decidir-nos.

Ha momentos em que custa acreditar, que a esposa terna, na *Condessa de Senecey* — a mãe carinhosa no *Templo de Salomão* — a filha affectuosa — no *Casal das Giestas*, e a donzella perseguida e louca na *Cruz*. seja a mesma que vemos ne papel de Aspasia, a modista leviana, que sabe convencer o sub-director do ministerio da guerra a que mude a proposta; que se aproveita do character supersticioso de Josefina, para lhe ler a *buena-dicha*, e fazer que proteja a pretensão dos dous amantes, e que, ultimamente, apresentando-se na propria casa do senhor de Saint-Raux, na noute em que elle tencionava assignar as escripturas, e fazer patente o seu casamento diante do grande numero de testemunhas, que convidára, o obriga a desistir de semelhante intento, e a ser elle o mesmo que entrega a seu irmão, a pupilla, com quem queria casar.

O sr. Epifanio no papel de Saint-Raux: — o sr. Theodorico no papel de Duperrin: — os srs. Tasso e Assis no de tenentes da guarda, vão perfeitamente, bem como o sr. José Antonio no pequeno, porém muito engraçado papel do *Incongnito*.

O mesmo devemos dizer das sr.^{as} Delfina, e Maria Izabel, que tambem nada deixam a desejar, e muito folgámos notar os progressos, que em tão pouco tempo tem feito a sr.^a Maria da Gloria, que é crédora dos maiores elogios, pelo assiduo estudo,

que mostra fazer, da arte difficil a que se dedicou.

Em um dos primeiros numeros diremos alguma cousa da linda comedia — *A mulher dos dous maridos*.

BIOGRAPHIA.

DELFINA PERPETUA DO ESPIRITO SANTO.

Este nome que nós vemos hoje figurar com tanta distincção, entre os actores do theatro de D. Maria 2.^a, já tambem era conhecido entre o corpo de baile do theatro de S. Carlos. Foi alli onde a senhora Delfina começou a sua vida de artista, e mal pensava talvez quando se dava aos exercicios de Terpsicore, que havia depois cultivar os preceitos da arte dramatica.

Nascida a 20 d'Abril de 1818, foi desde muito tenra idade destinada para a vida do palco, e conservou-se no theatro de S. Carlos, até aos fins do anno de 1840.

Quando em 1838 o sr. conde do Farrobo quiz dar uma representação na sua quinta, de que toma o titulo, foram por elle convidadas algumas dançarinas do theatro de S. Carlos, para tomar parte naquella representação, e a quem distribuiu papeis.

A senhora Delfina foi das escolhidas, a parte que representou agradou muito, e o seu papel desempenhado com tanta habilidade, que desde logo foi reconhecida a sua vocação; chegando até a ser aconselhada por alguém, que soube distinguir-lhe o merecimento, que era aquella a carreira a que devia dedicar-se.

Em Abril de 1842, sendo empresario do theatro do Salitre o sr. Cezar Perini, escripturou-se a senhora Delfina naquelle theatro, e debutou no *Peão Fidalgo*, continuando depois a pertencer áquelle theatro, no tempo da empreza do sr. Vieira, em cuja época representou no *Rachador escossez*.

Apezar das disposições que já mostrava, contudo não era certo nos pequenos papeis que até então tinha feito, que havia devidamente ser avaliado o seu talento comico.

Em Abril de 1843 entrou para a sociedade de artistas do theatro da rua dos Condes, e alli sob a direcção do sr. Epifanio, debutou no drama do sr. Antonio Pereira da Cunha — *As duas filhas*, em que já se fez muito notavel.

Foi porém no *Pai d'uma actriz* — no *Dote de Suzana*, baixa comica, e no — *Casamento do reinado de Luiz 15.^o*, alta comica, onde verdadeiramente começou a ser conhecida, e desde então para cá, os progressos que tem feito esta distincta actriz, são dignos do maior louvor. A senhora Delfina ainda não desmereceu, nem uma só vez, da justa opinião que o publico tem formado a seu respeito. E' sempre bem recebida, e sempre victoriada, e podemos dizer, sem receio de que nos acoi-mem de parciaes, que a senhora Delfina é a nossa primeira actriz na baixa comedia. A *Noute de Santo Antonio*, do sr. Cascaes, que expressamente lhe escreveu o papel: — o *Diabo a quatro* — os *Mys-*

terios de Pariz — *Entre a Bigorna e o martello*, do sr. Midosi, o *João Baptista*, o *Baile dos criados*, imitação do sr. Neto, a *Afilhada do Barão*, do sr. Mendes Leal, e ultimamente a *Filha de Figaro*, são outros tantos documentos que poderíamos citar em prova do seu merecimento artistico.

Sabemos que a senhora Delfina préza em muito ser discipula do sr. Epifanio; estamos certos de que este actor, de merito incontestavel, muito deve lisongear-se de ter sido seu mestre.

O grande estudo do actor deve ser, approximar-se quanto poder da naturalidade; e quanto mais evitar o excessivo, tanto melhor irá, tanto mais ha de agradar. A senhora Delfina dotada de graça natural, possui em gráu eminente aquella grande qualidade. A maneira por que entra em scena, a sua voz, gesto, e declamação nada tem de affectado, é tudo natural, e em quauto a nós é este talvez, um dos maiores predicados, que tornam tão exímio o seu merecimento.

Continue, pois, a senhora Delfina a estudar a arte na natureza, e a natureza na arte, e podemos afoutamente prognosticar-lhe, que o seu futuro artistico ha de igualar a grandeza do seu genio.

THEATRO DO GYMNASIO.

Sabbado 8 do corrente teve logar neste theatro a 1.^a representação da farça lyrica em 1 acto — *O Ensaio da Norma* — cujo poema, poesia, e musica é tudo original do sr. Cazimiro Junior. Agradou muitissimo. A scena passa-se em casa de Thomé Gonçalves (o sr. Moniz), que transformando a sua casa em um theatrinho particular quer por força que alli se represente a *Norma*. Uma comadre de Thomé Gonçalves, em consequencia de uma salada de rabanetes, fica impossibilitada de poder desempenhar a parte de *Norma*. Julio (o sr. Taborda) cedendo aos rogos de Thomé Gonçalves que reconhece nelle talento, e gosto para a musica, encarrega-se de a substituir. O sr. Pereira faz o papel de Polion. O duetto — *In mia mano alfin tu sei* — foi applaudido com enthusiasmo, promovendo grande hilariedade. — Agradou tambem muito a *avatina final*, e os côros.

Nos dias 8, 9 e hontem 11, o theatro esteve completamente cheio; em ambas as noites mais de cem pessoas deixaram de entrar por não haverem já bilhetes. O author foi chamado fóra, e victoriado com enthusiasmo.

Em abono da verdade diremos que todos comprehenderam, e desempenham perfeitamente os seus papeis.

A comedia em 3 actos — *Uma febre nervosa* — tem sido muito bem recebida.

Continua agradando muito a comedia em 1 acto — *Emilia Travessa* — imitação do sr. Netto, que com esta não foi menos feliz do que com a — *Porta da Rua* — *Pequenas miserias* — e — *Baile de Creados*.

Emilia Travessa (a sr.^a Emilia Candida) veiu

morar para Oeiras, a fim de Raimundo seu amante vêr se consegue mais facilmente o consentimento de seu tio o capitão Brandão (o sr. Braz Martins). Ricardo Nunes (o sr. Moniz), e Cezar de Magalhães (o sr. Taborda) gabam-se de que a conhecem, e de que a namoram, Raimundo desafia-os, e exige por força um duello, se em 24 horas lhe não apresentarem provas do que dizem.

As scenas entre Emilia e Ricardo Nunes, na qual ella finge ser surda, e aquella com Cezar de Magalhães, para quem se finge muda, são sempre applaudidas, e promovem a maior hilariedade.

A sr. Joaquina desempenha perfeitamente o seu papel; o sr. Braz Martins comprehende perfeitamente o seu character; a sr.^a Emilia Candida vai magnificamente, é pena que o sa. Pires tenha um temperamento tão flegmático.

ESPECTACULOS.

THEATRO DE S. CARLOS.

Quarta feira 12, opera — *Norma* — dauça bailado e tercetto.

Sexta feira 14, opera — *Os Dois Foscari*.

Domingo, o debut do 1.^o tenor, o sr. Liverani, irá novamente á scena a opera — *Ernani* — desempenhada pela sr.^a Gresti e St. Martin, sr. Liverani, Fiori, Benedecti, Bruni e Qneiroga, a dança annunciar-se-ha.

Segunda feira 17, terá logar o concerto de rebeca dado pelo joven Alexandre Ugguccioni, de idade de 7 annos e meio, ultimamente chegado a esta capital. O espectaeulo será annuciado.

THEATRO DE D. MARIA II.

Quinta feira 13 — *A Filha do Figaro*. — *Entre a Bigorna e o Martello*. — *A Mulher de dois Maridos*. — O bailado em character. — A sr.^a Landa cantará diferentes peças nos intervallos.

THEATRO DE D. FERNANDO.

Quinta feira 13, a 1.^a representação da comedia em 3 actos. — *O Ramalhete de Violetas* — A comedia em 2 actos — *As Proezas de Recheieu*.

Domingo 16, o mesmo spectaculo.

THEATRO DO GYMNASIO.

Quinta feira 13, em beneficio de J. Casimiro Junior — *Ensaio da Norma*. — *Uma Febre Nervosa* — *Emilia Travessa* — *A Porta da Rua*.